

**CAMILA ALCÂNTARA MONTEIRO  
IARA FIGUEIREDO DE MATOS**

**DEPENDÊNCIA AFETIVA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS  
EM UM VIÉS ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

**TEÓFILO OTONI  
2020**

**CAMILA ALCÂNTARA MONTEIRO  
IARA FIGUEIREDO DE MATOS**

**DEPENDÊNCIA AFETIVA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS  
EM UM VIÉS ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

Artigo apresentado à disciplina de “TCC II” do Curso de Psicologia, da Faculdade Alfa Unipac, com requisito parcial para conclusão do curso de Graduação em Psicologia.

Orientador(a): Roberto Gomes Marques

Aprovado em 04/12/2020

---

Orientador (a) Prof. Me. Roberto Gomes Marques  
Faculdade Alfa Unipac

---

Professor (a) Examinador (a): Eula Gomes de Macedo  
Faculdade Alfa Unipac

---

Professor (a) Examinador (a): Ianca Gusmão Leal  
Faculdade Alfa Unipac

**TEÓFILO OTONI  
2020**

## **DEPENDÊNCIA AFETIVA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS EM UM VIÉS ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

### **AFFECTIVE DEPENDENCE IN AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONSHIPS IN AN ANALYTICAL-BEHAVIORAL BIAS**

#### **Camila Alcântara Monteiro**

Acadêmica do curso de psicologia da Faculdade Alfa Unipac da cidade de Teófilo Otoni- MG, Brasil [camilaalcantaramonteiro111@gmail.com](mailto:camilaalcantaramonteiro111@gmail.com)

#### **Iara Figueiredo de Matos**

Acadêmica do curso de psicologia da faculdade Alfa Unipac da cidade de Teófilo Otoni- MG, Brasil [yararcc@gmail.com](mailto:yararcc@gmail.com)

#### **Prof Me. ROBERTO GOMES MARQUES**

Professor Titular da Alfa Unipac de Teófilo Otoni-MG  
[robertogomesmarques@yahoo.com.br](mailto:robertogomesmarques@yahoo.com.br)

#### **Resumo**

A dependência afetiva é um conjunto de comportamentos conjugados como aditivos em relacionamentos afetivo-sexuais. Este trabalho buscou descrever quais os fatores que desencadeiam a dependência afetiva, pautando-se numa perspectiva analítico-comportamental. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de método descritivo com caráter qualitativo, objetivando descrever o amor saudável e o patológico em um viés analítico-comportamental, caracterizar as implicações da mesma para o indivíduo e escrever o papel da autoestima no desenvolvimento de tal patologia, bem como a relevância dos modelos parentais na prevenção da mesma, afim apontar os fatores que desencadeiam tal dependência. Utilizou-se de livros anteriormente publicados, artigos científicos encontrados em periódicos como PePsic e Scielo, entre outros. Através dos resultados foi possível observar que, além da forte influência cultural, percebe-se também que as práticas parentais deficientes de atenção e afeto incondicional e que não disponibilizam reforços com regularidade proporcionam um terreno fértil para um desenvolvimento de baixa autoestima, causando um grande fator de risco para desenvolvimento da

dependência afetiva. Sendo assim, compreender melhor os sintomas e os aspectos que desencadeiam uma dependência afetiva dentro de um relacionamento amoroso possibilitam a prevenção desta e auxilia o tratamento psicológico dos indivíduos por ela acometidos.

**Palavras-chave:** Dependência Afetiva; Autoestima; Análise do Comportamento.

### **Abstract**

Affective dependency is a set of behaviors combined as additives in affective-sexual relationships. This work sought to describe the factors that trigger affective dependence, based on an analytical-behavioral perspective. To this end, a bibliographic search of a descriptive method with a qualitative character was carried out, aiming to characterize the implications of affective dependence for the individual and to write the role of self-esteem in the development of Affective Dependence. It used previously published books, scientific articles found in journals such as PePsic and Scielo, among others. Through the results it was possible to observe that, in addition to the strong cultural influence, it is also perceived that deficient parenting practices of unconditional attention and affection and that they do not regularly provide reinforcements provide a fertile ground for the development of low self-esteem, causing a great factor risk factors for the development of affective dependence. Thus, better understanding the symptoms and aspects that trigger an emotional dependency within a loving relationship enable its prevention and helps the psychological treatment of individuals affected by it.

Keywords: Affective Dependence; Self esteem; Behavior Analysis.

## **1. Introdução**

As relações humanas sempre foram baseadas em interações comportamentais, independente da razão ou intenção destas. Tais interações, quando integram um conjunto de comportamentos específico e adquirem conseqüências reforçadoras positivas, constituem, em partes, a descrição do amor na perspectiva do behaviorismo.

O amor saudável provém de contingências reforçadoras, sejam elas emitidas pelo contexto sexual, por gostos a coisas, pessoas, lugares em que se foi aprendido a amar, ou por manifestações grupais e culturais. Amores em suas diversas formas foram enquadrados por Skinner (1991) em *eros*, *philia* e *ágape*.

Uma vez instalado no repertório comportamental de amor do indivíduo respostas inapropriadas ou desajustado ao contexto, trazendo prejuízo para ele e para o outro, esse amor passa a ser considerado em algumas perspectivas, como patológico. Uma das características desse amor é a dependência afetiva, onde se nota comportamentos obsessivos e compulsivos que trazem angústia, infelicidade, desprazer e um intenso sofrimento, além de um eminente desejo de repetir a sensação de estar próximo ao outro, gerando um grande desgaste emocional (MARTINS-SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, 2013).

Sendo assim, buscou-se responder a seguinte pergunta: quais os fatores que desencadeiam a dependência afetiva em um viés analítico-comportamental? A busca por tal resposta perpassou por descrever o amor saudável e o patológico em um viés analítico-comportamental, caracterizar as implicações da dependência afetiva para o indivíduo e escrever o papel da autoestima no desenvolvimento da Dependência Afetiva, apontando a relevância dos modelos parentais na prevenção da mesma.

A imposição cultural que normaliza e romantiza histórias de amor envoltas de sofrimento, desgastes e prejuízos, dificulta o estudo e as intervenções deste tópico, principalmente sobre as mulheres, o gênero que possui maior probabilidade de possuir vícios em relacionamentos. Portanto, trabalhos como este que procuram dar visibilidade a assuntos engolidos por uma rotina social indiferente têm uma justificativa social.

Assim sendo, a continuidade em estudos e falas sobre o amor patológico, além de se mostrar extremamente relevante para o meio acadêmico, científico e profissional, constitui uma quebra no estigma de normalidade envolvido neste tema fazendo com que a sociedade, por meio da psicologia com foco na abordagem analítico-comportamental, entenda o prejuízo incluído em relações dependentes, e desempenhe o papel fundamental de acolher e intervir em repertórios comportamentais dependente.

O caminho percorrido pelo trabalho segue uma organização em três tópicos, o primeiro se preocupa em expor o percurso para as definições e o entendimento

do amor saudável e do amor patológico em uma abordagem analítico-comportamental. Posteriormente, cuida-se de explicar as facetas envolvidas na dependência emocional e como tal conjuntos de comportamentos que afeta os indivíduos envolvidos, em seguida, apresentou a forte influência da autoestima no desencadeamento da dependência afetiva, bem como a importância dos modelos parentais na prevenção dela.

## **2. Metodologia**

Para a realização deste artigo, utilizou-se o método descritivo com caráter qualitativo, objetivando gerar maior familiaridade com o tema. Quanto ao procedimento, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, servindo-se de livros e artigos científicos publicados nos últimos dez anos e encontrados em periódicos como PePsic e Scielo, entre outros. Dentre as obras utilizadas, destacam-se autores como BurrhusFrederic Skinner, Hélio Guilhardi e William M. Baum como clássicos da Análise do Comportamento eEglacy Cristina Sophia e Robin Norwood como autoras clássicas nos estudos da Dependência Afetiva, além de autores de pesquisas importantes para explicitar as ideias apresentadas que não se encontram dentro da data estabelecida. Utilizando-se dos seguintes descritores: Dependência Afetiva; Autoestima; Análise do Comportamento.

## **3. Revisão da Literatura**

### **3.1 Do amor saudável ao amor patológico**

Em busca de desenvolver um caminho lógico para o entendimento de sentimentos como o amor, behavioristas metodológicos e positivistas lógicos, com sua possível excessiva preocupação com a objetividade, presumiram que a ciência deve se restringir a eventos e objetos passíveis de observação concreta (SKINNER, 1991). Por outro lado, explicações mentalistas interiorizam os sentimentos e proporcionam uma crença de que aquilo que sentimos é mais importante do que aquilo que fazemos. Ideia rejeitada pelos behavioristas. Já que os mesmos consideram sentimentos tão importantes quanto os comportamentos observáveis (OLIVEIRA, PARANAGUÁ, 2017). O Behaviorismo radical foge destes dois pressupostos, ao identificar que sentimento é um tipo de ação sensorial tal como o

ver e o ouvir. Torna-se fácil confundir sentimento com causa quando o sentimento ocorre na mesma fração de segundo (ou até mesmo antes) em que outros comportamentos acontecem. Entretanto, há eventos passados, geralmente em comum, que causam o que fazemos e o que sentimos (SKINNER, 1991). O sentir, então, é um comportamento e é produto das contingências.

Na Análise do Comportamento, o amor é entendido como um conjunto de sensações e comportamentos, frutos de contingências que ocorrem em uma relação entre dois indivíduos. A característica predominante no comportamento de amar é a existência frequente do reforço, tanto positivo, emergido por ações que visem que o casal fique junto, ou negativo, que visem evitar uma separação. No amor, todas as ações neste viés são reforçadas pelas consequências citadas acima.

Como comportamento complexo, o amor também pode ser categorizado em grupos distintos, a depender das suas contingências de seleção. Para isso, Skinner (1991) utilizou dos níveis de seleção do comportamento, já estudado pelos behavioristas radicais, para empregar termos gregos aos tipos diferentes de amor.

O nível filogenético, que se refere à seleção de comportamentos adaptativos da espécie que foram úteis para a sua sobrevivência, explica o amor denominado Eros. Trata-se do amor derivado da seleção natural onde uma condição genética está presente, pois, a suscetibilidade ao reforçamento pelo contato sexual é um traço evolutivo.

Já a ontogênese, nível de seleção de comportamento pelo histórico de condicionamento do indivíduo, diz do amor a coisas, lugares, comidas, músicas, etc., fruto de uma aprendizagem. Amor caracterizado por conjunto complexo de sensações e comportamentos sem inclinações eróticas. A este amor, nomeou-se *Philia*.

O terceiro nível de seleção, a cultura, caracterizou o amor *Ágape*, onde a direção do reforçamento é invertida. No amor *Ágape*, não é o nosso comportamento que é reforçado, e sim o comportamento daquele que amamos. Quando reforçamos o comportamento de quem amamos, fortalecemos a união do grupo.

Uma vez estabelecido que, em todo e qualquer tipo de amor saudável, há a prevalência do reforço dos comportamentos emitidos no relacionamento, entende-se

que, quando há a ruptura na distribuição do reforço, há um sofrimento para aquele que deixou de ser reforçado. Isso se deve a processos emocionais já estudados em protocolos de extinção (retirada de reforço visando eliminação de comportamento) e punição negativa (retirada do reforço visando supressão do comportamento). Em consequência, o amor que até então trazia benefícios para os indivíduos, passa a gerar respostas emocionais compatíveis a dor e tristeza (EVELYN, 2015).

Tomando como base o dizer inicial do Skinner (1957/1978, p.15) no *Verbal Behavior*: “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação” e o conceito de comportamento operante, torna-se esperado que o sofrimento gerado pela retirada do reforço no relacionamento elicie comportamentos disruptivos do outro lado. Diante do rompimento da homeostase provocado pelo sofrimento, é natural que o indivíduo emita comportamentos adaptativos à nova situação em que se encontra. Tais comportamentos, em interações amorosas, podem ser considerados pela sociedade como descabidos, indevidos ou desapropriados.

Constitui-se, então, a linha tênue entre o amor saudável e o amor patológico. O modelo tradicional (médico) entende o termo patológico como uma classificação por meio da sintomatologia que se apresenta em manuais diagnósticos. A análise do Comportamento ou também nomeada por teoria Analítico-comportamental, a compreende por sua funcionalidade, ou seja, comportamentos patológicos são respostas que foram selecionadas em função das contingências, que têm sua probabilidade de ocorrência futura alterada (BRITTO, 2012).

Portanto, uma pessoa com dependência afetiva, é aquela que cuida e dedica-se ao seu parceiro de modo a perder o domínio sobre o seu direito de escolha, e sobre seus comportamentos, o que traz sofrimento para o indivíduo e seu companheiro (Teixeira et al, 2015). Quando o amor tem como principal característica a dependência afetiva, comportamentos obsessivos e compulsivos não passam despercebidos, trazendo angústia, infelicidade, desprazer e um intenso sofrimento, colocando em risco o próprio bem-estar físico e emocional. Diante disso, surge um desejo eminente de repetir a sensação de estar próximo ao outro, gerando um elevado nível de estresse e culminando em um grande desgaste emocional (MOURA, 2016; RISO, 2014).

### 3.2 A Dependência Afetiva e suas Implicações

Segundo Sophia (2008), alguns fatores são considerados para identificar quem está amando de maneira patológica: a) indicações de abstinência – no momento em que o companheiro está longe (física ou emocionalmente) ou perante ameaça de abandono, como o rompimento da relação, podendo ocorrer, por exemplo: insônia, taquicardia, tensão muscular, alternando-se períodos de letargia e intensa atividade, b) a conduta de cuidar do parceiro é maior do que o indivíduo deseja que aconteça – o indivíduo costuma se queixar de manifestar atenção ao parceiro com maior frequência ou por período mais longo do que originalmente pretendido, c) práticas para reduzir ou controlar o amor excessivo são mal sucedidas – Em geral, já existiram tentativas de reduzir ou interromper a atenção dada ao parceiro, porém não tiveram sucesso, d) é despendido muito tempo para dominar as tarefas do companheiro – o Máximo de energia e do tempo do indivíduo é gasto com atitudes e/ou pensamentos para preservar o parceiro sob controle, e) descaso por atividades antes estimadas – o indivíduo passa a existir em função das predileções do companheiro, as atividades propiciadoras da realização pessoal e desenvolvimento profissional são deixados de lado, incluindo: cuidado com filhos, investimentos profissionais, convívio com colegas etc., f) o amor patológico é mantido, apesar dos problemas pessoais, familiares e profissionais – mesmo consciente dos danos decorrentes desse comportamento para sua qualidade de vida, persiste a queixa de não conseguir controlar a conduta patológica.

O repertório comportamental da dependência afetiva pode ser diverso e especialmente perigoso. As características já mencionadas produzem nele uma imediata gratificação e alívio extremo, que reforçam uma sensação ilusória de bem-estar. Para o dependente afetivo, o apego e excesso de cuidados aliviam imediatamente a dor, se tornando um potente padrão de reforçador negativo. Quando verificado um sinal eminente de abandono, os comportamentos dependentes são adotados, objetivando evitar a ruptura.

O estudo de Norwood (1998) aponta que as mulheres são estatisticamente mais propensas a desenvolverem Dependência Afetiva devido à influência da cultura, que as destinam a pensar que devem modificar um homem através do seu

amor. Apesar de acometer também os homens, não é comum que eles desenvolvam algum tipo de vício em relacionamentos, e sim em trabalho, esportes ou hobbies.

Ainda que considerada um vício, a dependência afetiva se exclui culturalmente dos demais vícios, como álcool e drogas, devido ao processo de aceitação da sociedade. Há séculos poesias, música, literatura ou cinema vêm replicando histórias de amor, sofrimento e esforços sem medidas por amor, o que ocasionou em uma naturalização social desses conceitos (PALUDO, 2014). Tal naturalização pode reforçar socialmente a manutenção do padrão dependente afetivo.

Apesar de tantas mudanças sociais que proporcionaram às mulheres tantas conquistas, ainda se encontra reforçado o padrão da identidade feminina sofredora, a quem é essencial ter um parceiro e construir uma família, e punido aquelas que não seguem tal padrão, mesmo que se encontrem felizes e bem-sucedidas.

Em casos de Dependência Afetiva, é imprescindível possuir consciência da relação causal do ambiente com seus comportamentos e ser capaz de descrever as variáveis que os mantêm, permitindo ao indivíduo ter autocontrole e a possibilidade de modificar seu próprio comportamento. O controle sob o próprio comportamento só é possível através do autoconhecimento, aí está à verdadeira liberdade.

Em repertórios comportamentais de dependência afetiva, verifica-se a carência desse autoconhecimento, o que gera dificuldade de alteração do comportamento dependente e de possuir perspectiva para modificar a situação.

A ausência de autoconhecimento pode permitir a crença nas críticas alheias por certos comportamentos, aparência física e outros. Além disso, o indivíduo tende a não ficar sob controle de outras classes de respostas que outrora foram reforçadas. Sendo assim, há a probabilidade de acontecer a supressão de respostas punidas e outras equivalentes. Disso, resulta uma pessoa com déficit de repertório assertivo, e que diante de exposição social apresenta insegurança e inibição (GUILHARDI, 2002).

Conhecer sobre suas próprias atitudes e crenças provém de discriminações que abrangem muitos eventos ao longo da ontogênese do indivíduo. Mas tais eventos são mais públicos do que privados. Há inclinação a acreditar mais no que

nos é dito. Sendo assim, uma pessoa que é muito criticada, rejeitada ou censurada passa a se reconhecer desta maneira (BAUM, 1999).

Outros dois traços de personalidade a serem levados em conta nos casos de dependência afetiva são: a pequena quantidade de repertório existente na vida do indivíduo para lidar com situações diversas e adversas, fator determinante para manter uma dependência afetiva pois, quanto menor a variabilidade comportamental, menor a probabilidade de capacidade de soluções de problemas e de divisão de prazer (reforçadores) em outras áreas da vida (LIMA, 2015); e a baixa autoestima, que será tratada no tópico a seguir.

### **3.3 O papel da autoestima no desenvolvimento da Dependência Afetiva**

Skinner (1991) diz que é a partir da comunidade verbal que o indivíduo passa a se perceber e a descrever seus comportamentos e manifestações corporais. O meio social utiliza-se de palavras para ajudar os indivíduos a nomear seus estados corporais, que ocorrem durante a interação entre o indivíduo e seu ambiente. Essas palavras referem-se aos sentimentos e emoções.

Todo e qualquer comportamento é precedido de um evento ambiental que exerce influência sobre ele (SKINNER, 1991), e tal conceito abrange também os sentimentos e os comportamentos componentes de um padrão comportamental, como o padrão dependente afetivo e baixa autoestima. As relações familiares e sociais estabelecidas desde o nascimento fornecem ao indivíduo informações a respeito de si próprio. Tais informações são cruciais para o desenvolvimento da autoestima.

Os membros de uma cultura que fazem coisas úteis ou interessantes são louvados e recompensados por ela e, nesse processo, os comportamentos são positivamente reforçados e se pode observar condições corporais na pessoa cujo eu é observado e valorizado. O meio interno do indivíduo e todas as suas condições corporais sofrem alterações ou se mantêm a partir de mudanças que ocorrem no ambiente externo. Observando tais contingências é possível compreender o que ele sente e o que o faz sentir de tal forma. Se de um lado reforçadores positivos proporcionam sensações agradáveis, por outro, críticas e punições podem proporcionar condições corporais ruins e eminentes sensações de incompetência,

injustiça, etc. Deste modo, as interações com o ambiente constrói a referência individual, podendo ser positiva ou negativa (SKINNER, 1991).

É entendido pela Análise do Comportamento que, ao nascer, o indivíduo não possui competência em relação a cuidados próprios. Portanto, cabe aos pais fornecerem os cuidados iniciais importantes para a sobrevivência e iniciá-lo nos primeiros contatos sociais. Pais acolhedores e protetores que corrigem os comportamentos inapropriados desenvolvem um olhar positivo do filho sobre si mesmo, fazendo-o se sentir aceito e percebendo sua importância. Caso contrário, o filho poderá se sentir carente, desprotegido e inadequado (MEYER, 2011).

A definição de autoestima para Guilhardi (2002) refere-se a um sentimento, produto de contingências de reforçamento positivo de ordem social. Portanto, nas ocasiões em que o indivíduo emite comportamentos que são esperados e bem recebidos pela comunidade social, estes comportamentos são por ela reforçados positivamente, isto é, disponibiliza reforço social generalizado positivo. Essa interação fornece uma contingência adequada para o aumento do sentimento de autoestima. Caso contrário, comportamentos do indivíduo que não são socialmente aceitos, produzem consequências aversivas e estão relacionados à baixa autoestima.

A autoestima pode ser instalada no repertório comportamental da criança na infância e é fruto de contingências de reforçamento social. O fundamental para o desenvolvimento da autoestima é o reconhecimento que os pais expressam aos seus filhos, sendo importante realçar nas frases emitidas que o reforçador está sendo direcionado a pessoa, e não apenas ao seu comportamento.

Um ambiente hostil pode gerar sentimentos de insignificância, desvalorização e culpa nos indivíduos, levando-os a se considerarem incapazes de obter o reforço desejado. Contingências que formam um ambiente hostil reprimem comportamentos, provocando um aumento de eventos privados nos quais a pessoa se responsabiliza pelo próprio fracasso e não se torna atenta a como o ambiente pode levá-la a se sentir de tal forma (MOTA, 2018).

Sendo assim, em contextos sociais onde há frequente punição de comportamento (críticas, rejeição e humilhação), o indivíduo passa a se reconhecer

de maneira inadequada e o controle aversivo aumenta a probabilidade do surgimento de respostas emocionais negativas e um repertório de fuga e esquiva.

Sophia (2008) salienta que, um dos fatores na infância com potencial para gerar um adulto dependente afetivo, são pais que não tinham regularidade na disponibilização de reforçadores como atenção, carinho e afeto, e geraram incertezas quanto a disponibilidade dos mesmos e a ansiedade de separação nos relacionamentos adultos. Um indivíduo que teve experiências dolorosas na infância tem grande probabilidade de tentar recriar situações a fim de obter controle sobre elas.

Quando as necessidades de atenção, carinho e afeto não são satisfeitas na infância e é negado o próprio desejo da criança de ser cuidada, este padrão é buscado nas relações adultas: alguém para ser cuidada, deixando de lado o seu autocuidado e satisfação.

O histórico vivido na infância poderia gerar a busca por parceiros que supram as necessidades não realizadas quando criança, mas, para o dependente afetivo, a busca deve ser por alguém que replique o padrão já conhecido, sendo distante e inseguro. Parceiros gentis e seguros não são considerados atraentes para os dependentes afetivos (SOPHIA, TAVARES, ZILBERMAN, 2007).

Portanto, pais que reconhecem e fornecem contingências reforçadoras ao seu filho não desenvolvem neles nenhum tipo de dependência. Em casos assim o oposto ocorre. Ao sentir-se amada pelo outro, ela aprenderá a amar a si mesma, se tornando independente: o indivíduo aprende a se amar e não dependerá do amor do outro.

O reconhecimento do filho e suas contingências reforçadoras são muito vantajosas para fortalecer respostas desejadas, produzir variabilidade comportamental, desenvolver comportamentos autônomos, além de produzir sentimentos bons, como: satisfação, bem-estar e alegria.

Quando os pais reconhecem a criança, ensinam-na a amar a si mesma, diferenciar-se de outras pessoas e tornar-se independente, sem riscos de desenvolver dependência de quem a elogia. O adulto que desenvolveu com sucesso

uma boa autoestima, possui habilidades de discriminar sua capacidade de emitir comportamentos e de produzir consequências reforçadoras para si.

Por outro lado, se gratificação for contingente, exclusivamente, aos comportamentos adequados da criança, ela pode ficar com a sensação de que os reforçadores que recebeu foram pagos pelo bom comportamento. Acaba surgindo uma relação em que a criança primeiramente gratifica os pais, oferecendo-lhes seu bom comportamento, e só então eles a gratificam. Tal relação pode não caracterizar uma relação de amor, mas de troca. Sob estas circunstâncias, o sentimento de autoestima não aparece, como pontua Guilhardi (2002).

Durante as relações afetivo-sexuais, pessoas com baixa autoestima tendem a emitir comportamentos que tornam difíceis a sua convivência com os demais, frequentemente se queixando da vida e fazendo cobranças de afeto e consideração, como se os parceiros não os valorizassem.

É importante salientar que a autoestima não é a causa destes comportamentos de dependência afetiva. Como sentimento, ela deve ser considerada ocasião para a emissão de comportamentos. “Um organismo raramente se comporta sem responder a seu próprio corpo” (SKINNER, 1991, p. 46).

#### **4. Considerações Finais**

Uma linha tênue separa o amor romântico dos relacionamentos afetivo-sexuais do amor patológico que proporciona uma provável dependência afetiva. O amor é um sentimento gerado a partir de interações entre pares onde se predomina a disponibilização do reforço positivo, podendo ser classificado de acordo com o nível de seleção que se destacou durante a seleção deste comportamento. Quando este amor passa a gerar em um dos integrantes do casal sentimentos aversivos e comportamentos que prejudicam o parceiro, tal como excesso de desejo de controlar o outro, ansiedade de separação, abandono de seus próprios reforçadores para viver somente em função do parceiro, ciúme e posse; diz-se que esse amor é patológico e fruto de uma dependência afetiva.

Os filmes, livros e músicas que abordam o tema amor com frequência expõe o

sofrimento e o prejuízo advindo da dependência afetiva ou outro fator do amor patológico como algo natural e esperado, principalmente em relação às mulheres. Em consequência, relações afetiva-sexuais doentias são mantidas e toleradas por não se falar sobre a importância do amor saudável para a saúde mental dos parceiros envolvidos.

Além da influência cultural, percebe-se também que a falta de autoconhecimento que possibilita a discriminação do controle do ambiente sob os seus próprios comportamentos influencia a manutenção do padrão dependente por haver uma grande dificuldade de mudança comportamental do indivíduo que não possui consciência sobre seu próprio comportamento.

As práticas parentais carentes de atenção e afeto incondicional, que não disponibilizam reforços com regularidade e que proporcionam um terreno fértil para um desenvolvimento de baixa autoestima, também se classifica como um grande fator de risco para desenvolvimento da dependência afetiva.

Dentro de relações afetivas, pessoas com baixa autoestima apresentam comportamentos que dificultam a convivência, frequentemente se queixando da vida e fazendo cobranças de afeto e consideração, como se os parceiros não os valorizassem.

Apesar de tal padrão, é importante salientar que o sentimento de baixa autoestima, tal como qualquer outro sentimento, não são a causa de comportamentos. O sentimento de baixa autoestima aparece junto com outros comportamentos problemas e todos foram selecionados e mantidos pela história de vida do indivíduo em sofrimento.

Compreender melhor os sintomas e os aspectos que desencadeiam uma dependência afetiva dentro de um relacionamento amoroso possibilita a prevenção desta e auxilia o tratamento psicológico dos indivíduos por ela acometidos. Diante dos achados, considera-se que o fazer da Psicologia é de extrema importância para o início de reversão deste quadro atual.

Entretanto, ainda é necessário o prosseguimento de pesquisas e estudos sobre o tema, devido à escassez de trabalhos publicados principalmente pelo viés analítico-comportamental.

## Referências

- BAUM, W. Compreender o behaviorismo – ciência, comportamento e cultura. *Artes Médicas*: Porto Alegre, 1999.
- BRITTO, I.A.G. S. Psicopatologia e Análise do Comportamento: algumas reflexões. *Boletim Contexto. Associação Brasileira de Medicina e Psicologia Comportamental (ABPMC)*.N. 37. São Paulo, 2012.
- EVELYN, P. *O amor e suas complicações: uma análise do comportamento de amar*. São Paulo, 2015. Disponível em [HTTP://www.comportese.com/2015/04/o-amor-e-suascomplicacoes-uma-analise-do-comportamento-deamar/](http://www.comportese.com/2015/04/o-amor-e-suascomplicacoes-uma-analise-do-comportamento-deamar/). Acesso em: junho de 2020.
- GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. *Instituto TCR*: 2002. Disponível em: [http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima\\_conf\\_respons.pdf](http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf) Acesso em: Julho de 2020.
- LIMA, A. A relação entre a baixa variabilidade comportamental e o padrão dependente afetivo. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.comportese.com/2015/06/a-relacao-entre-a-baixa-variabilidade-comportamental-e-umpadrao-dependente-afetivo> Acesso em: julho de 2020
- MARTINS-SILVA, P. O.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. Teorias sobre o amor no campo da psicologia social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 1, p. 16-31, Brasília, 2013.
- MEYER, D. S. T. A Autoestima na Perspectiva da Análise do Comportamento. *Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento*: Brasília, 2011.
- MOTA, G. A. Dependência Afetiva: Quando Amar é uma Patologia – Levantamento, Intervenção e Prevenção. *18 Congresso de Iniciação Científica*. São Paulo, 2018.
- NORWOOD, R. *Mulheres que amam demais*. Siciliano: São Paulo, 1998.
- OLIVEIRA, B. F. Autoconhecimento: Contribuições para o Repertório Comportamental. *Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento*: Brasília, 2017.
- OLIVEIRA, I. J. S. PARANAGUÁ, M. P. N. Amor e Ciúme Patológico: uma visão fundamentada na perspectiva analítico-comportamental. *Fragmentos de Cultura*, v. 27, n.4, p. 555-569. Goiânia, 2017.
- PALUDO, P. C. Mal de amor: a dependência e a obsessão das mulheres que amam demais. Repositório Institucional UFSC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133378> Acesso em: 01 Marc. 2020.
- RISO, W. *Amar e depender: como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável*. L&PM: Porto Alegre, 2014.
- SOPHIA, E. C; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria*.V. 29, n. 1, p. 55-62. São Paulo, 2007.
- SOPHIA, E. C. Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências. São Paulo, 2008. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-11022009-162136/pt-br.php>>  
Acesso em: 19 Jul. 2020.

SKINNER, B.F. Comportamento Verbal. Cultrix/EDUSP: São Paulo. Publicação original de 1957. 1978.

SKINNER, B. F. *Questões recentes na análise comportamental*. Papirus: Campinas, 1991.

TEIXEIRA, et al. Amor patológico: análise comparativa entre o tratamento pela terapia cognitivo-comportamental e o grupo MADA. *Revista Eletrônica Machado Sobrinho*. V.11, n.01, p.23-35. Juiz de Fora, 2015.

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Atividade: Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo/Monografia.		
Curso: <u>Psicologia</u> Período: <u>10</u> ° Semestre: <u>2</u> ° Ano: <u>2020</u>		
Professor (a): _____		
Acadêmico: <u>Lara Figueiredo de Mates</u>		
Tema: <u>Dependência afetiva nas relações afetivo-sexuais em um vies analítico-comportamental.</u>		Assinatura do aluno
Data(s) do(s) atendimento(s)	Horário(s)	
<u>28/01/2020</u>	<u>17h</u>	<u>Lara F. Mates</u>
<u>17/08/2020</u>	<u>14h</u>	<u>Lara F. Mates</u>
<u>23/09/2020</u>	<u>15h</u>	<u>Lara F. Mates</u>
<u>26/10/2020</u>	<u>17h</u>	<u>Lara F. Mates</u>
<u>11/11/2020</u>	<u>18:30</u>	<u>Lara F. Mates</u>
Descrição das orientações:		
<u>Discussão e adequação da projeto inicial</u>		
<u>Análise da fundamentação teórica</u>		
<u>Análise e adequação da metodologia. Orientação</u>		
<u>referente a discussão e avaliação da apresentação gráfica</u>		

Considerando a concordância com o trabalho realizado sob minha orientação, AUTORIZO O DEPÓSITO do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) Acadêmico (a) Lara Figueiredo de Mates

Roberto Luiz Marques  
Assinatura do Professor

## RELATÓRIO DE PLÁGIO



CopySpider  
<https://copyspider.com.br/>

Page 2 of 112

Relatório gerado por: yararcc@gmail.com

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://www.scielo.br/pdf/rbp/nahead/ahead1c">https://www.scielo.br/pdf/rbp/nahead/ahead1c</a>	117	1,15
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://reforcadopositivamente.blogspot.com/2011/08/frases-de-skinner.html">https://reforcadopositivamente.blogspot.com/2011/08/frases-de-skinner.html</a>	28	0,56
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="http://www.usp.br/gmhp/Tese.html">http://www.usp.br/gmhp/Tese.html</a>	13	0,29
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://brainly.com.br/tarefa/11396198">https://brainly.com.br/tarefa/11396198</a>	28	0,23
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Teófilo_Otoni">https://pt.wikipedia.org/wiki/Teófilo_Otoni</a>	20	0,17
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://www.unipacto.com.br/estagio">https://www.unipacto.com.br/estagio</a>	9	0,15
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://g1.globo.com/mg/vales-mg/cidade/teofilo-otoni">https://g1.globo.com/mg/vales-mg/cidade/teofilo-otoni</a>	3	0,03
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://www.unipacto.com.br">https://www.unipacto.com.br</a>	1	0,02
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/teofilootoni.pdf">http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/teofilootoni.pdf</a>	1	0,02
ARTIGO - CONCLUSÃO DE CURSO.docx X <a href="https://www.doctoralia.com.br/psicologo/teofilo-otoni">https://www.doctoralia.com.br/psicologo/teofilo-otoni</a>	0	0